

Constituintes acham que crise fará parlamentarismo vitorioso

BRASÍLIA — Presidencialistas e parlamentaristas do PFL e do PMDB, sem distinção, disseam que a mais recente crise da Aliança Democrática liquida a possibilidade de o presidencialismo vencer na Constituinte. "Está garantida a maioria para o parlamentarismo", afirmou o líder do PMDB na Câmara, deputado Luís Henrique, que apóia esse sistema de governo.

Entre presidencialistas do PFL, a conclusão foi a mesma. "Este episódio põe por terra qualquer possibilidade de aprovação do presidencialismo", disse o deputado José Moura (PFL-PE), depois de uma audiência, pela manhã, com o presidente José Sarney. "Sou presidencialista por convicção, mas quem estava em dúvida votará pelo parlamentarismo. O planalto agora passa a perder tempo", disse.

Moura Previu que o parlamentarismo passará "com folga", com quinze a vinte votos de diferença, na Comissão de Sistematização da Constituinte (93 votos). Outro presidencialista do PFL, Cristóvam Chiaradia (MG), que também esteve com Sarney ontem, fez o mesmo diagnós-

tico: "Numa crise entre o PFL e o governo, a primeira vítima será o presidencialismo".

A deputada Sandra Cavalcanti (PFL-RJ) que há vários meses defendeu o rompimento de seu partido com a Aliança Democrática, não escondeu sua satisfação com o desenvolvimento da crise: "os sismógrafos do partido já detectavam este rompimento há muito tempo". Uma das lideranças da corrente parlamentarista do PFL, Sandra Cavalcanti disse com humor que a saída de Jorge Bornhausen do ministério e sua volta ao senado "trará um destroier parlamentarista à grande batalha pelo sistema de governo".

Avaliação — Foi o mesmo argumento do senador Fernando Henrique Cardoso, líder do PMDB no senado, também parlamentarista: "Vários parlamentaristas do PFL que antes tinham compromissos com o governo agora poderão votar pelo parlamentarismo". Mesmo um presidencialista do PMDB, como o deputado Renato Vianna (SC), que conversou com o presidente Sarney de manhã, percebeu a mudança na disputa sobre o sistema de governo. "Sentia que estava havendo um

recuo de alguns parlamentaristas, mas agora, com esta crise, não sei qual será a posição do PFL".

O líder do governo na Câmara, deputado Carlos Sant'Anna (PMDB-BA), evitou falar sobre isso. Disse apenas, na saída de seu gabinete, que "em princípio" não haverá mudança no placar de votação da Comissão de Sistematização. Anteontem, Sant'Anna, o presidente Sarney, o deputado Prisco Vianha (PMDB-BA) e o ministro da Casa Civil, Ronaldo Costa Couto, tiveram que adiar uma avaliação das chances do presidencialismo, na Sistematização, devido ao desenvolvimento da crise na Aliança.

Segundo Euclides Scalco (PMDB-PR), líder de seu partido na Constituinte, a crise não afetará diretamente a votação na Sistematização, mas certamente "beneficiará o parlamentarismo". Segundo Saulo Queiroz (MS), secretário-geral do PFL e um político que anda com um crachá escrito "parlamentarista" no paletó, a crise da Aliança mudará as relações do partido com o governo. "O PFL era o único partido que apoiava o governo sem constrangimento", disse.

Empresário quer o sistema atual

SÃO PAULO — O presidencialismo foi defendido como regime de governo ideal por cinco entre seis empresários que fazem parte da lista dos dez mais representativos do país, em eleição promovida pela revista *Balanço Anual*, do grupo Gazeta Mercantil. Ontem, durante a apresentação da lista dos mais votados, à qual compareceram sete dos escolhidos, cinco defenderam o presidencialismo, um preferiu o parlamentarismo e outro não deu opinião.

Antônio Ermírio de Moraes, presidente do grupo Votorantim, eleito com 21,6% dos votos, disse que "parlamentarismo é para povos com mais tradição democrática". Segundo ele, a eleição de um presidente, em regime parlamentarista, será "para enganar o povo com uma figura decorativa". O poder de fato, disse, estará no Congresso, que poderá treçar o primeiro-ministro a qualquer momento.

Além de Antônio Ermírio, Mário Amato, presidente da Fiesp (Federação das Indústrias do Estado de São Paulo), Guilherme Afif Domingos, deputado pelo Partido Liberal e empresário do setor de seguros, Dilson Funaro, da empresa Trol, e Abílio Diniz, do grupo Pão de Açúcar, manifestaram-se a favor do presidencialismo. Jorge Gerdau Johanpeter, do grupo Gerdau, embora tenha afirmado que prefere o parlamentarismo, disse que ele não deve ser adotado no momento. O empresário que não deu opinião foi Cláudio Bardella, da Bardella.

De modo geral, os empresários acham que a discussão sobre o sistema de governo deveria ser colocada em segundo plano na Constituinte.

Cúpula do PMDB avalia crise

BRASÍLIA — O PMDB deverá convocar uma reunião extraordinária de sua Executiva Nacional para analisar a crise política no governo, provocada pela decisão do PFL de romper a Aliança Democrática. A cúpula do partido já aguardava há dias essa decisão, mas não esperava que seu aliado usasse o caso da Sudene como pretexto para o rompimento.

O presidente do partido, deputado Ulysses Guimarães, antes de se reunir no início da noite com o presidente José Sarney, recebeu um telefonema do ministro Aureliano Chaves que lhe fez uma comunicação formal dessa decisão, informando que agora cabe ao próprio Sarney definir os rumos do governo. Segundo um integrante da cúpula do partido, há mais de dois meses que o ministro-chefe do SNI, general Ivan de Souza Mendes, vinha alertando o presidente sobre a necessidade de intensificar seus contatos com Ulysses, por ver no PMDB a única base real de sustentação de seu governo.

Reunida informalmente na casa de Ulysses, enquanto o ministro Maciel anunciava o fim da Aliança, a cúpula do PMDB fez duras críticas ao comportamento do PFL. "Eles estão estimulando a opinião pública a desacreditar cada vez mais nos políticos, pois estão exibindo o fisiologismo que sempre caracterizou esse partido", disse Fernando Henri-

que, um dos líderes presentes ao encontro com Ulysses.

O presidente do PMDB ouviu mais do que falou e todas as suas intervenções batiam na mesma tecla: "Mas o Maciel não era o amigo de confiança de Sarney?". O líder da Câmara, Luiz Henrique, trouxe um dado a mais para justificar a decisão do PFL: "O Bornhausen fez aliança com o PDS de Esperidião Amin e essa aliança só podia continuar se ele deixasse o governo".

A crise, no entanto, não mudou a rotina de Ulysses, que havia convocado a reunião dos líderes para discutir assuntos da Constituinte. Ele manteve a rotina inclusive para receber, já no seu gabinete, uma menina de 10 anos, Roniela Paz de Miranda, vencedora do concurso de um programa infantil de televisão sobre cartas de crianças à Constituinte. Enquanto aguardava a hora de seu encontro com Sarney, Ulysses ouviu com atenção Roniela ler a sua carta sobre meio ambiente e concordou com a menina quando ela disse, em trecho da carta, que "o homem só pensa em si próprio". Sem aparentar a menor pressa, ele, ao final do programa, comentou: "se vocês souberem o que tenho que enfrentar agora entenderia que eu nem devia estar aqui, estou por causa de vocês". Curiosamente, também, no programa, Ulysses elogiou a prioridade que o governo sempre deu à Educação.

Convívio nunca foi bom na Aliança

Regras para as nomeações não eram acatadas

Maria Inês Nassif

A rigor, as relações entre o PFL e o PMDB não são nada boas desde a formação da Aliança Democrática. Mas a intermediação dos conflitos entre os dois partidos, pelo presidente José Sarney, foi particularmente ineficaz e desastrosa no último mês. Apesar de ter se comprometido com a cúpula pefelista de fazer os ministros do PMDB cumprirem um acordo que remonta o início do governo da Nova República, segundo o qual o parlamentar mais votado preenche o cargo federal no município, não teve qualquer êxito na sua empreitada. Por fim, o próprio presidente acabou rompendo o compromisso de não mais nomear para qualquer cargo importante sem ouvir e consultar previamente os presidentes do PMDB e do PFL, Ulysses Guimarães e Marco Maciel.

Só na semana passada ocorreram dois episódios envolvendo o presidente e a cúpula pefelista. Em uma conversa com Maciel, Sarney perguntou se já estava resolvido o "contencioso" entre o partido e o ministro da Previdência,

Raphael de Almeida Magalhães, que desobedecendo o acordo deixou de nomear os agentes do Funrural nos municípios onde os parlamentares pefelistas eram majoritários. Maciel respondeu que não. Sarney pegou o telefone na sua frente, ligou para o ministro da Previdência e passou-lhe uma descompostura. Raphael, dias depois, como se nada tivesse acontecido, preteriu os indicados pelo deputado Ricardo Fiúza (PE) e João da Mata (PB), nos municípios de Canhotinho e Pombos, em favor dos apadrinhados pelos deputados Fernando Lyra e Carneiro Arnaud, ambos do PMDB.

Na semana passada, no seu despacho semanal com Sarney, o ministro da Educação, Jorge Bornhausen, levou vasta documentação, com a qual pretendia mostrar ao presidente que não só a parte pemedebista do ministério fugia totalmente ao seu controle administrativo, como o próprio PMDB ao seu controle político. Disse ao presidente que, embora fosse uma definição de governo a contenção de gastos, o Ministério do Desenvolvimento Urbano havia liberado CZ\$ 1,5 bilhão ao município de Recife, sendo que CZ\$ 500 milhões a fundo perdido. Sarney não sabia da liberação.

Por último, Bornhausen ponderou que, enquanto Sarney exercia pressão direta sobre o PFL para que votasse o

presidencialismo, a emenda parlamentarista de Bernardo Cabral fora concluída na residência do deputado Ulysses Guimarães, numa reunião onde estava presente, inclusive, um seu ministro de Estado, Raphael de Almeida Magalhães.

Na mesma conversa, Bornhausen concluiu que o presidente havia feito uma opção programática pelo PMDB, e entregou o seu cargo. Não queria fazer mais parte do ministério e, de outro lado, desejava trabalhar pelo regime parlamentarista.

Bornhausen foi escolhido o mensageiro de Sarney para um recado à cúpula partidária: Sarney reiterava que não faria nenhuma nomeação sem consultar a direção partidária, porque considerava o PFL o partido com quem poderia contar para a sua sustentação política.

A nomeação de Carlos Wilson aconteceu de forma absolutamente contrária à prometida. Na segunda-feira, quando o vice-governador de Pernambuco foi chamado a Brasília pelo ministro Costa Couto, Marco Maciel conversou três vezes com o presidente sem que fosse informado da escolha. Soube pelos jornais, na terça-feira. No dia do convite, a terça-feira, José Lourenço esteve com o presidente e também não foi informado. Era a gota d'água e o copo transbordou.